

 <p>COORDENADORIA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FITOTECNIA Km 47 da BR 110 – Bairro Presidente Costa e Silva CEP: 59625-900 – C. postal 137 Telefone (084)3315.1796 – Telefax (084)3315.1778 e.mail: ppfsec@ufersa.edu.br Mossoró – Rio Grande do Norte</p>	PROGRAMA ANALÍTICO DE DISCIPLINA	15/01/2007
--	---	-------------------

IDENTIFICAÇÃO								
DISCIPLINA:	CONTROLE DA SALINIDADE NA AGRICULTURA IRRIGADA					CÓDIGO:	1104552	
DEPARTAMENTO:	Ciências Ambientais					SIGLA DA UNIDADE:	DCA	
DURAÇÃO SEMANAS	EM	CARGA HORÁRIA SEMANAL					CARGA HORÁRIA TOTAL	
15		TEÓRICAS	3	PRÁTICAS	1	TOTAL	4	60
NÚMERO DE CRÉDITOS	3				SEMESTRE	2º		
PRÉ-REQUISITOS					PRÉ OU CO-REQUISITOS			

EMENTA							
<p>Origem da salinidade. Efeitos da salinidade na planta e no solo. Qualidade da água de irrigação. Previsão de salinização de áreas irrigadas. Técnicas de manejo para controlar os efeitos da salinidade. Recuperação de solos afetados por sais.</p>							
CURSOS PARA OS QUAIS É MINISTRADA							
1.	DOUTORADO FITOTECNIA			OP	4.		
2.	MESTRADO FITOTECNIA			OP	5.		
3.					6.		
(OB) = OBRIGATÓRIA				(OP) = OPTATIVA			
				Prof. José Francismar de Medeiros/ Nildo da Silva Dias			
Nº DA ATA DA REUNIÃO		DATA DA APROVAÇÃO		PRESIDENTE DO COLEGIADO DO CURSO			
ALTERAÇÃO	APROVADO PELO	CONSEPE		CONSELHO DE ENSINO PESQUISA E EXTENSÃO – CONSEPE			
Nº ATA:		DATA:		PRESIDENTE CONSEPE			

OBJETIVOS DA DISCIPLINA

Fornecer ao discente conhecimento e entendimento dos princípios de controle, manejo e recuperação de solos afetados por sais e aplicá-los na resolução de problemas relacionados ao manejo de sistemas agrícolas; Capacitar profissionais conscientes dos riscos potenciais da salinidade; Desenvolver habilidade nos alunos para a análise crítica de problemas relacionados ao assunto da disciplina.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

UNIDADES E ASSUNTOS	Nº DE HORAS-AULAS
1. Introdução <ul style="list-style-type: none"><input type="checkbox"/> Origem dos problemas de salinidade<input type="checkbox"/> Processo de salinização e sodificação<input type="checkbox"/> Principais fontes de sais que provocam a salinidade<input type="checkbox"/> Extensão do problema de salinidade	06
2. Identificação dos solos afetados por sais <ul style="list-style-type: none"><input type="checkbox"/> Identificação visual<input type="checkbox"/> Identificação por análise de laboratório e suas determinações<input type="checkbox"/> Seqüência para determinação do diagnóstico de um solo salino	09
3. Efeitos da salinidade na planta e no solo <ul style="list-style-type: none"><input type="checkbox"/> Efeitos osmótico, tóxico e nutricional<input type="checkbox"/> Efeitos dos sais sobre o solo<input type="checkbox"/> Tolerância das culturas à salinidade	09
4. Qualidade da água de irrigação <ul style="list-style-type: none"><input type="checkbox"/> Considerações gerais<input type="checkbox"/> Fatores que influenciam a composição e o teor de sais<input type="checkbox"/> Parâmetros de avaliação e classificação das águas quanto ao risco de salinidade	09
5. Previsão de salinização em áreas irrigadas <ul style="list-style-type: none"><input type="checkbox"/> Fração de lixiviação<input type="checkbox"/> Métodos de simulação da salinidade<input type="checkbox"/> Previsão de salinização em áreas irrigadas	09
6. Técnicas de manejo para controlar os efeitos da salinidade <ul style="list-style-type: none"><input type="checkbox"/> Necessidade de lixiviação<input type="checkbox"/> Seleção das culturas<input type="checkbox"/> Manejo da irrigação	09
7. Recuperação de solos afetados por sais <ul style="list-style-type: none"><input type="checkbox"/> Generalidades<input type="checkbox"/> Lavagem de recuperação e manutenção<input type="checkbox"/> Melhoradores químicos (corretivos)	09

BIBLIOGRAFIA

DIAS, N.S.; GHEYI, H.R.; DUARTE, S.N. **Prevenção, manejo e recuperação dos solos afetados por sais**. Piracicaba: Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, 2003. 118p. (Série Didática n^o. 13).

FERREIRA, P.A. **Qualidade de água e manejo água-planta em solos salinos**. Brasília, DF: ABEAS; Viçosa, MG: UFV, Departamento de Engenharia Agrícola, 2002. 111p. (ABEAS: Curso de engenharia e manejo de irrigação. Módulo 10).

FONDO INTERNACIONAL DE DESARROLLO AGRÍCOLA (FIDA). **Programa de ahorro de recursos de água dulce mediante la producción de forrajes resistentes a la salinidad em las zonas marginales de la región de Ásia Occidental y África Del Norte**. Rome, 2004, 6p.

GOYAL, S. S.; SHARMA, S. K.; RAINS, D. W. **Crop production in saline environments**. Binghamton, New York: Food Products Press, 2002. 452p.

JOHN JR, J. B. **Laboratory guide for conducting soil tests and plant analysis**. Boca Raton, FL: CRC, 2001. 384p.

LAUCHLI, A.; LÜTTGE, U. **Salinity: Environment - Plants – Molecules**. 1st ed. Berlin: Springer, 2002. 570p.

MEDEIROS, J.F., MAIA, C.E.; PORTO FILHO, F.Q. Água salina como recurso. In: Gheyi, H.R. (ed.). **Uso e reuso de águas de qualidade inferior - realidades e perspectivas**. Campina Grande: UFCG, 2005. Cap.17, p. 374-396.

RHOADES, J.; KANDIAH, A.; MARSHALI, A.M. **Uso de águas salinas para produção agrícola**. 2. ed. Trad. de H.R. Gheyi, J.R de SOUSA, J.E. QUEIROZ. Campina Grande: UFPB, 2000. 117p. (FAO. Estudos de Irrigação e Drenagem, 48).

SANTOS, J. G. R. **A salinidade na agricultura irrigada: Teoria e prática**. Campina Grande: s.n.t., 2000. 171p.

SILVA, E.F.F.; DUARTE, S.N.; DIAS, N.S. Controle da salinidade em cultivos sob ambiente protegido e aproveitamento da água de drenagem. In: Gheyi, H.R. (ed.). **Uso e reuso de águas de qualidade inferior - realidades e perspectivas**. Campina Grande: UFCG, 2005. Cap.21, p. 472-483.

WILLADINO, L.; CÂMARA, T. R. Tolerância das plantas à salinidade: fisiologia. In: Gheyi, H.R. (ed.). **Uso e reuso de águas de qualidade inferior - realidades e perspectivas**. Campina Grande: UFCG, 2005. Cap.23, p. 508-529.

MÉTODO E AVALIAÇÃO

MÉTODO

A disciplina constará de aulas teóricas expositivas com recursos audiovisuais e quatro branco, de aulas práticas de laboratório e/ou campo, resolução de exercícios a respeito de cada aula teórica ministrada, interpretação de trabalhos científicos e de seminários.

AVALIAÇÃO

O aproveitamento dos alunos será avaliado através de três provas formais, dos relatórios de atividades práticas, dos exercícios semanais e seminários. Qualquer uma das provas formais poderá consistir da interpretação e/ou discussão de um artigo científico de revistas especializadas.

A nota final do discente será dada pela média ponderada destas atividades.

Coordenador do Programa